

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE  
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO  
END. Avenida • Rio Branco nº. 2  
Biblioteca Nacional - Rio de Janeiro

ο α Μ η ο ν  
ο ∇ ã ν α ν ν σ

WALT WHITMAN

SAUDAÇÃO  
AO MUNDO

E OUTROS POEMAS

Prólogo e tradução  
de Mário D. Ferreiro Santos

817  
W 615 D

MINIATURA  
**FLAMA**



IMPRENSA NACIONAL

Biblioteca do Serviço Social

Nº 82

Data 18 / 3 / 1947

Reservados todos os direitos de tradução e publicação, transcrição e adaptação em língua portuguesa (Brasil, Portugal e Colônias). Copyright by Editora Flama Ltda., Rua 15 de Novembro, 150 - 8.º andar  
São Paulo — 1944

## ESCUta, AMÉRICA!

Belief I sing, and preparation;  
All Life and Nature are not great with  
[reference to the present only,  
But greater still what is yet to come,  
Out of that formula for thee I sing.

(Walt Whitman)

"Pensais acaso que sejam estas palavras, estas linhas verticais, estas curvas, estes ângulos, estes pontos? Não! Não são estas palavras: as palavras substanciais estão na terra e no mar, estão em vós mesmos".

Há quase cem anos, pelas estradas poeirentas do Middle-West, Walt Whitman emitiu este brado de libertação às Américas,



Tôda a falsa alheiação do homem à terra, tôda a busca unilateral de um além-túmulo, tôda a negatividade da vida, tôda a preocupação exagerada de encontrar motivos de lágrimas e de queixas para os crentes e de alegrias desenfreadas para os que se desviaram dos caminhos místicos, eram uma fuga, eram a evasão, o esquecimento, o desprezo às palavras substanciais que estão na terra e no mar, que estão em nós mesmos.

Buscar o cósmico que há no homem e o homem que há no cósmico, é dessas façanhas que fogem às linhas verticais, às curvas, aos ângulos, ao quadrilátero matemático do racionalismo e aos limites da consciência.

O homem divinizou a consciência. E esqueceu que havia outras palavras que soavam para serem ouvidas, no mar, na terra, no ar, em nós mesmos. Eram vozes longínquas, vencedoras de resistências milenárias, devassadoras dos abismos ocultos no espesso das almas, mas que traziam e trazem a voz eternamente jovem das madrugadas, porque novo é sempre o canto dos pássaros e novo é sempre o brilho do sol que nasce.

Cabe à América redescobrir Walt Whitman. É a voz da terra, é a voz do mar, é a voz de nós mesmos. É a voz do homem que busca o que tem de homem e o que tem de deus. Sim, porque para ele o homem é o filho da terra, é o filho do mar, é o filho dos céus. Whitman é o homem cósmico que afirma. Junto às ervas verdes dos campos, nas peregrinações pelas terras da América, ele foi escutar as vozes que a terra lhe segredava.

E essas vozes América deve escutá-las outra vez.

Neste instante universal, em que os homens por impulsos profundos buscam a sua relação mística para com o cosmo, há uma voz de alegria clara que afirma. Não são somente interrogações, são afirmações.

E neste instante em que todos afirmam uma felicidade perdida ou esquecida, um retorno às promessas e ao desejo de construir as bases de uma nova humanidade libertada das inseguranças, dos "complexos do amanhã", das torturas dos dias gerados pelo medo, das guerras inúteis e destrutivas, das misérias que solapam as almas e trituram os corações, a voz de Whitman deve ser despertada.

"Eis a erva que brota em tôda a parte por onde se estende a terra e se estende a água; eis o ar comum que banha o globo!" Agora mais que nunca, os homens devem ouvir a voz do cantor solitário dos "caminhos que cruzam a América. "Eu creio que uma folha de erva não é menos que a vida de uma estrela". E escutai: "Eu sei que sou superior ao tempo e ao espaço, e jamais fui medido e não o serei jamais. Sou o caminhheiro de uma perpétua viagem (vinde todos escutar!) . . .

"Nem eu, nem outro qualquer que seja, poderemos percorrer êsse caminho por ti. É preciso que tu o percorras por ti mesmo. . . E marchando, atingiremos cidades prodigiosas e nações livres. . . Hoje, antes do amanhecer, subi a uma colina e olhei o céu cheio de estrelas.

E perguntei ao meu espírito: "Quando tivermos abraçado esses orbes e o prazer e o ciência de tôdas as coisas que



êles encerram, seremos acaso completos e felizes?" E meu espírito me respondeu: "Não, nada faremos senão atingir essa altura para devassá-la e prosseguir nosso caminho. . ."

Pode o homem atingir seus ideais. E esta afirmativa parte de nossa crença. Mas atingi-los é já ultrapassá-los, porque ao chegarmos à meta, seríamos insatisfeitos se além nos esperasse o vazio.

Algo há-de estar no horizonte, acenando-nos com uma promessa. Whitman bem o sabia. Não há um fim para o homem, há fins. Somos e devemos ser como *êle*, o eterno viajor que percorre os caminhos novos e inesperados, não para chegar ao fim da viagem, mas para prosseguir adiante, sempre adiante.

Não julguemos pelo nosso cansaço. Nossos descendentes precisam ter seus ideais para que lhes estimulem os cérebros e lhes façam pulsar mais fortemente os corações. Não nos cabe o papel de definitizar a vida, porque precisamente a vida não é definitizável. Que saibamos dar a *êles* o bastão firme do caminheiro e os alforges carregados para a longa viagem através da vida. E se deixarmos pelos caminhos ensolarados algumas árvores de sombras mansas para o descanso quando cansados, *êles* nos abençoarão. E nessa benção estará *tôda* a nossa paga.

E não será isso bastante para reconfortar os vossos corações, ó homens que prometeis a vós mesmos indicar os caminhos do futuro?

Pelas estradas do América, pelos rios da América, subindo montanhas azuladas, descendo cascatas, percorrendo amplas planícies e varando florestas verdes, vencendo distâncias, a voz de Whitman canta o canto universal das Américas.

As Américas caberá viver o universal e o múltiplo.

As Américas querem a igualdade que as mães sabem ter para com seus filhos. É dentro do múltiplo que encontraremos a *unidade*, é no diverso que construiremos a unidade, é unindo os contrários que conquistaremos o equilíbrio. A *paz* desejada é *apenas* o resultado de uma luta contínua.

Querer a passividade seria *desejar* a morte. América é vida, e vida é movimento, luta, combate, *ação*. A paz das Américas estará no movimento dos seus rios, nas ondas bravias dos seus mares, na queda *portentosa* de suas cascatas, na conquista de suas florestas. Mas a luta que as Américas *desejam* é a luta do trabalho, a luta do homem para a conquista do mundo, a luta do homem para a conquista de sua superação, a polémica das *idéias*, a fundamentação de uma *liberdade* que garanta a dignidade humana e impeça a *exploração* ignóbil dos aventureiros, a luta que oferece a liberdade de todos os credos, que nos permita viver aqui o múltiplo.



típico, para garantir a unidade, que estabelece um ponto de partida igual para todos, mas que dá a cada um a possibilidade de erguer-se segundo o seu mérito.

E não longe está o momento em que levantaremos as nossas vozes para dizer:

"All you continentals of Asia, Africa, Europe,  
[Australia, indifferent of place!  
AM you on the numberless islands of the archipelagoes  
[of the sea  
And you of centuries hence when you listen to me!  
And you each and everywhere whom I specify not,  
[but include just the same!  
Health to you! good will to you all, from me and  
[America sent!"

Numa rápida observação poder-se-ia dizer que o século dezenove encontrou nos Estados Unidos uma variante. Poder-se-ia dizer mais: encontrou seu campo propriamente dito, pois, ali, os preconceitos que agitaram aquele século não foram ainda devidamente superados. Não carece de verdade esta afirmativa. Porém, não encerra toda a verdade, porque aqueles preconceitos e postulados estão fundamentando os alicerces de novas perspectivas que pertencem ao século vinte.

As tendências niilistas da Europa, com sua escala de valores utilitários, invadiram os Estados Unidos trazidas pelas grandes massas de imigrantes, em grande parte aventureiros ressentidos, cujos anseios libertários o clima europeu não mais tolerava.

América prometia-lhes um novo nascimento, uma nova encarnação. Podiam aqui despir-se de todo o passado para viver o presente.

Ora, as mais recentes levas de imigrantes encontravam nos Estados Unidos tradições já seculares e ao espírito renovador das massas alienígenas contrapunha-se uma reação o mais das vezes surda que precipitou uma série de compensações.

Na América tudo se compensa, eis um de nossos postulados. E este processo de compensação encerra características profundamente peculiares.

Ora vejamos: em todo o decorrer do século dezenove e durante os primeiros decênios do nosso, contam-se por milhões as levas humanas que vieram da Europa. Grande parte dessas populações continuavam fiéis ao culto dos antepassados. Mas o elemento mais ativo — precisamente o que mais se adaptava ao ambiente dinâmico de luta na América — despiu-se inteiramente do passado para "faire l'Amérique", para tornarem-se **pioneers**, conquistadores, desbravadores, caçadores da fortuna, homens apressados em busca de um enriquecimento rápido, sacrificando tradições para a conquista da fortuna que oferecia prestígio e justificava a



marcha para o Ocidente, de milhões de homens famintos de vitórias.

É fácil daí compreender uma série de postulados éticos tão assinaláveis nas Américas, e que tantos comentadores já exploraram com exagero.

O "quotation act" yankee, por exemplo, foi uma necessidade histórica. A diminuição crescente de entrada dos elementos europeus aventureiros permitirão às Américas um desafogo e a possibilidade das qualidades nobres próprias dos verdadeiros pioneiros e das tradições dos primeiros colonizadores, de reagir e superar na formação de uma nova escala de valores que corresponda às verdadeiras realidades americanas, na relação do homem para com a terra.

Aqueles elementos alienígenas predispueram o aspeto juvenil-aventureiro que ainda caracteriza a América de nossos dias. A maturidade é fruto do tempo e da absorção do elemento estranho.

O sentimento de provisoriidade arrastará as Américas a um cansaço da própria escala de valores utilitários.

A América, por facilmente se desgastar em suas fórmulas, desgastará essa própria tendência, e necessitará voltar às formas mais duradouras que pertenciam à escala nobre de valores, predominante nos primeiros colonizadores e ainda não morta nas Américas. Assim, o grande defeito americano observado por tantos, é a nossa maior esperança, o que também pertence ao nosso credo.

Nos Estados Unidos, por exemplo, não está a população distribuída racionalmente.

O Este condensou grandes massas metropolitanas à custa do Sul e do Middle. Precisamente a metrópole é o campo mais favorável ao desenvolvimento do tipo de aventureiro europeu. A metrópole oferece possibilidade de enriquecimento rápido. Os imigrantes ao trazerem este anseio predispueram a pressa peculiar das Américas. Através da história verifica-se que a metrópole acompanha sempre as épocas de decadência. Assim sucede em todas as culturas quando em sua fase de civilização.

Numa apreciação também precipitada sobre os Estados Unidos poder-se-ia afirmar que houve ali uma inversão do processo histórico: a civilização precedeu à cultura, ou antes a civilização se processou sem um prévio processo cultural, porque se é fácil falar de civilização aparenta-se difícil afirmar uma cultura estadunidense.

Mas isto representa, por seu turno, uma avaliação apressada porque na América houve e há, não uma cultura, mas culturas, "células de cultura". Ora, a chamada civilização "yankee" não pertence e nem nasceu propriamente na América. A escala de valores utilitários não é lhe originária, nem o empirismo, nem a concepção mecanicista.

E' ver demasiadamente pela superfície afirmar tal cousa. Quem trouxe para a América a orientação utilitária foram precisamente as massas europeias. Estas, apressadas, encontraram num clima livre, ambiente para a aplicação de sua ética de valores. Mas, não tememos afirmar, essa escala de valores não corresponde firmemente às vozes mais



profundas da América, é uma **incrustação** estranha, que facilmente será afastada, neutralizada e superada.

**Tendem** as metrópoles a desviar o homem do **campo**. Mas sucede que historicamente **nao** há uma corrente que se processe numa linha contínua. E o afastamento do homem ao **campo** para viver nas metrópoles é uma fase histórica superável.

Com o decorrer do tempo, e por imposição da própria necessidade **histórica**, há retornos impressionantes.

O abandono do homem ao campo, **transforma-se posteriormente**, no **abandono** da metrópole para o campo. A evasão processa-se quando a metrópole oferece perspectivas que correspondem ao que alguns homens do campo **consideram felicidade**, como a ilusão dos **prazeres fáceis**, do ganho rápido, do lucro compensador, **etc. . . .** Mas a **saturação** se processa com o **tempo**, e o campo, adaptado às grandes vantagens da metrópole, torna a atrair o homem, sobretudo por ser **êste** uma planta, um animal, que necessita de retornos ao primitivismo.

Somos por afirmar que Nova York, por exemplo, não crescerá por muito tempo e tende a diminuir o número de seus habitantes, embora cidades que **ainda** não atingiram o ponto de saturação, como Rio, São Paulo, Buenos Aires, continuem crescendo. Em compensação, a marcha para o oeste americano, que é uma marcha para o **Middle**, para o vale do Mississipi **há-de** se processar crescentemente. Tem a terra um poder profundamente plasmador e cultural.

Então América **construirá** sua cultura de unidade, aproveitando-se das tendências funcionais de suas variadas "células de cultura".

O processo de atomização nas **Américas** corresponde a uma necessidade histórica, a de impedir que a decadência da metrópole processe uma decadência geral. Insistindo os nossos governos na campanha de "um rumo à terra", procedem sabiamente e estão prevenindo o que se daria fatalmente com o excesso da industrialização e das massas cidadinas, sempre insatisfeitos, **nevrosadas** impacientes e inquietas, geradoras de desordem que agitam tantas vezes os povos e que provocam **consequentemente** retornos **perigosos** para o futuro da marcha humana.

A guerra **atual** colocou em cheque o destino do homem. Uma das características da civilização ocidental era a **aproximação** das raças.

Todas **as** teorias de desigualdade — e são velhas no ocidente, desde os gregos — buscaram justificar o predomínio de uma raça sobre outra.

A história da civilização ocidental é o luta pela **aproximação** humana. Se essa aproximação não chegou a **reali-**



zar-se Como efa desejada, é que cuiros fatores intervieram.

A longa noite da escravidão pertence ao passado. O negro foi o último liberto. E por essa libertação se ouviu a voz dos poetas, dos místicos, dos santos e dos simples. Foi um sentido, um desejo, um anelo que vinha do poente. Ásia ainda guarda o gosto da escravidão, sobre tudo na Índia, onde os ingleses muito fizeram para equilibrar a disparidade das duas mil castas em que se divide o povo indú.

Só podem falar em nome da civilização ocidental os que aceitam, pregam e lutam pela liberdade racial, pela aproximação dos povos e destroem as barreiras de pretensas superioridades étnicas.

Ora este ponto de vista racial, em nenhuma parte do mundo pode ser compreendido e melhor interpretado que entre nós, nas Américas. Aqui se processa a fusão de todas as raças. Se a civilização ocidental buscou uma aproximação ecumênica dos povos, assegurando a todos a compreensão e igualdade de seus direitos, nas Américas, mais que em qualquer parte do mundo, o respeito às raças é maior. Aqui fundimos o universal.

Sim, porque América, é America, mas também, é Europa, é Ásia, é África, é Oceania. Aqui vivem todos os povos, todas as nações, todas as raças. Nós que fundimos em nosso sangue a diversidade universal podemos sentir, compreender, interpretar e oferecer ao mundo o exemplo mais verdadeiro do sentido universal. A nossa civilização busca o universal, não para domínio e satisfação exclusiva

de uma raça, mas para benefício do homem independente de países e raças.

Mas o que permitiu nas Américas este sentido de universalização? O que permitiu que povos estranhos, vindos de todos os quadrantes da terra conhecessem aqui um impulso para a fusão? Não foi somente o sentido económico. Isso seria cairmos numa interpretação apenas unilateral e incompleta. Aqui há mais: há uma voz da terra. Há uma voz da terra que chama os homens. E' preciso que se veja o sentido dos rios na formação dos povos americanos. Não foi o Mississipi o sangue que alimentou toda uma civilização? Que é o Delaware, o Rio Grande, o Oregon, o São Lourenço, o Missouri? Não há uma canção que vem do Mississipi e ecoa pelas almas americanas? E o Amazonas que fez para a compreensão dos povos sul-americanos do noroeste? Não se fundiram brancos, negros e índios no Mississipi, um rio sagrado? E aqui o São Francisco, o Orinoco, o Paraguai, o Uruguai, o Paraná, o contraforte andino? Não são as vozes telúricas que vêm desses rios, dessas montanhas, desses prados, dessas florestas que refletem todos os povos do mundo? Não reproduzem as neves dos Andes as terras árticas e altas da Europa e da Ásia?

África, está também no bojo de nossa terra. A Oceania existe nas nossas ilhas. Temos todo o universo em nosso continente.

E por que não sermos, por isso, universais? Nós somos universais. O pan-americanismo não poderia continuar



num sentido estreitamente continental, porque por índole somos universais e o nosso universalismo é telúrico. Há uma voz que murmura... E América deve escutar essa voz que vem da terra!

Ainda não há propriamente uma cultura americana única.

Também propriamente só agora a América encontra o caminho dessa unidade. Se através da história houve várias ocasiões que nossos destinos se uniram de norte a sul, foram elas mais produtos de circunstâncias históricas do que frutos de uma necessidade subjetiva. Nós, na América do Sul, estivemos mais próximos à Europa, do que aos Estados Unidos. E tão profunda é essa nossa aliança espiritual à Europa que os Estados Unidos, apesar de disporem de tantos meios de propaganda, como rádios, jornais, cinemas, etc., não conseguiram ainda — diga-se esta verdade — substituir em nossas almas a admiração e o apego que nos arrasta às cousas europeias. Ora isto não implica uma fraqueza da propaganda americana, mas sim a força de nossos sentimentos.

Enquanto na América do Sul o europeu permanecia em regra geral o filho de sua terra, na do Norte processava-se

não propriamente uma adaptação ao meio, como muitos julgaram com precipitação, mas sim a ânsia de proceder uma conquista rápida que não era de origem americana, e sim europeia.

Se prevalecesse nos Estados Unidos toda essa escala de valores utilitários, toda essa pressa e essa busca desenfreada do dólar que substitue no pensamento os outros valores, a América do Norte nunca seria América, mas apenas um departamento de refúgio da parte mais degradante da Europa.

E' o que preocupa profundamente aos que compreendem, sentem e sabem que a América está ameaçada em suas raízes pelo espírito que contem os característicos menos agradáveis que formaram os preconceitos básicos do século dezenove.

Uma rápida observação feita através da América, do sul e do norte, demonstra que possuímos "células de cultura" inteiramente diferentes das tendências mercantilistas preponderantes nos Estados Unidos e que representam uma precipitação telúrica do verdadeiro sentido dos seus povos. Os caracteres profundos dos índios americanos constróem em muitos jovens um espírito de ascetismo e dignidade. Não se pode negar ao pele vermelha um sentido de dignidade que sempre infundiu ao americano simpatia e respeito.

A metropolitanação do camponês, nos Estados Unidos, como hoje já se processa em toda a América, é o grande perigo para a cultura. A metropolitanação gera o noma-



dismo. Não fixa o homem e por não fixá-lo não gero o **Ethnos**.

Muito embora sejamos do presente sentimos muitas vezes a nossa história, mas sentimos-la como os epopeias dos gregos ou as *napoleônicas*; como uma epopeia que **nós** não fizemos, que **outros** fizeram por nós.

Em parte alguma do mundo se ouve tão frequentemente dizer: os homens de antigamente é que eram homens. Por que isso? Precisamente porque a realização dos homens de outrora, pouco *ressoa* dentro de nós, porque nem todos *estamos hereditariamente* ligados aos desbravadores do passado, nem aos heróis de nossa história.

Se isto é em parte observável na *América latina* o é muito mais nos Estados Unidos, onde talvez a metade da população, ou mais ainda, não possui sequer três gerações de contato com a terra americana. *E'*, portanto, ainda europeia, ou asiática, etc. Não é em todas as veias americanas que corre o sangue dos que fizeram a independência. Nem o dos heróis da *guerra civil*, que tanto fomentou a unidade americana, percorre as veias dos habitantes de Nova York, Chicago, Filadélfia. Já no sul dos Estados Unidos é diferente. *Ali* há **ethnos**, há passado, os soldados de Lee vivem na *imaginação* e no sangue de muitos habitantes. Por isso mesmo no sul é mais *profundo*, mais americano, mais telúrico, mais ligado à terra. Assim, nas Américas predomina o *espírito* e não o sangue, exceção feita de certas regiões como o nordeste brasileiro, o *contraforte* andino, o México, onde há terra, há **ethnos**, ha o *sangue*. Cada mexicano

sente-se Juarez, **Villa**. *E'* um campeador, um herói, e vive na epopeia de seus heróis e de seus "bandidos" célebres.

Nos Estados Unidos há, no entanto, exceções impressionantes. Há tradições de família trazidas desde a época da colonização. Não se forma um povo quando se lê os mesmos jornais, se ouvem os mesmos rádios, se vêem os mesmos filmes, se fala a mesma língua. Para os Estados Unidos formarem uma alma cultural é necessário que o Mississipi corra nas veias americanas, que pese em seus peitos os *montanhas Rochosas*, e que os "**canyons**" silenciosos e imensos, que levavam os indígenas à meditação e à solidão, penetrem através dos risos claros dos rostos americanos, e ressoe dentro deles a contemplação das forças telúricas.

América precisa ser o túmulo dos antepassados e o desejo de túmulo para as gerações.

A América quer viver a si mesma e precisa viver o si mesma. De uma vez para sempre, que se compreenda e se sinta a *necessidade* de uma grande revisão de nossos *valores*. E para alcançá-la urge *procuremo-nos*, procuremos a verdadeira América e não a Europa transplantada, que não é *sequer* a própria Europa. Não refutamos a Europa, porque América não refuta o mundo. Ao contrário, afirma; mas deve *fazê-lo* no verdadeiro espírito que consiste na imensa capacidade de saber e poder viver o múltiplo, o *fragmentário*, o diverso, o contraditório. *Aquí* somos formados de todas as raças e conhecemos todas as culturas, mas necessitamos ligá-las profundamente à terra. O universal será vivido por nós, melhor do que ninguém, quando



também soubermos viver o nacional. Só América será capaz de construir um conteúdo universal com formas nacionais. **Só ela, portanto, está** apta a penetrar o futuro, **precisamente** por que somos o futuro por contermos em nossa alma todo o passado.

E possamos, então, cantar com Whitman:

Navega, navega do melhor maneira, barco da  
[Democracia,  
Preciosa é a tua carga, não é unicamente o Presente,  
É o passado também depositado em ti,  
Tu não conténs somente a fortuna de ti mesmo, nem  
[apenas a do Oriente,  
A terra inteira resumida **viaja** em tua quilha, ó barco,  
[confiada aos teus mastros,  
Contigo o tempo **viaja** e sob teus cuidados navegam as  
[nações do passado ou sobrenadam contigo,  
Com todas as suas lutas, mártires, heróis, epopeias,  
[guerras, tu trazes os outros continentes,  
É deles, sim, c'deles, tonto quanto teu, o porto triunfante;  
Governa pois com mão firme e segura, e olhar prudente,  
[ô timoneiro, pois levas grandes camaradas,  
A venerável **Ásia** sacerdotal navega hoje contigo,  
E a realista **Europa** feudal navega contigo.

MÁRIO D. FERREIRA SANTOS

## SAUDAÇÃO AO MUNDO



Dá-me tua mão, Walt Whitman!

Que maravilhas fluem! Que visões e rumores!

Que de infinitos anéis unidos, ligados uns aos outros,

Cada qual representa a todos, cada qual da terra com todos  
participa.

O que dentro de ti se dilata, Walt Whitman?

Que vagas e que montes emergem?

Que climas? Quem são estas pessoas e cidades?



Quem são estas crianças que brincam e aquelas que  
dormem?

Quem são estas jovens? Quem são estas mães?

Quem estes grupos de anciãos que seguem lentamente,  
braços em torno dos ombros uns dos outros?

Que rios são estes? Que florestas e que frutos?

Quais as miríades de moradias cheias de moradores?

2

Dentro de mim a latitude se alarga, a longitude se alonga;  
Ásia, África, Europa estão no Oriente — À América coube  
o Ocidente, como herança,

Cingindo o bôjo da terra rola o ardente equador,  
Curiosamente ao norte e ao sul rodam as extremidades do  
eixo,

Dentro de mim trago o dia mais longo, o sol insone roda em  
círculos oblíquos, por meses sem descançar,

Dentro de mim, alongado no tempo, o sol da meia noite  
apenas se eleva acima do horizonte para se deitar  
a seguir,

Dentro de mim, zonas e mares, cascatas e florestas, vulcões  
e arquipélagos,

Malásia, Polinésia e as grandes ilhas das Índias ocidentais.

3

Que ouves, Walt Whitman?

Ouço cantar o obreiro e a esposa do camponês cantar,  
Ouço nas distâncias os gritos das crianças e dos animais ao  
nascer o dia,

Ouço o tumulto dos brados rivais dos australianos acoçando  
potros selvagens,

Ouço a dança espanhola das castanholas à sombra do  
castanheiro, ao som de rebecas e guitarras,

Ouço os rumores contínuos que vêm do Tamisa,



Ouço os selvagens cantos de liberdade que vêm da França,  
Ouço os musicais *racontos* dos velhos poemas dos gondoleiros  
da Itália,

Ouço os gafanhotos da Síria quando atacam as colheitas  
e os prados no *aluvião* de suas nuvens tenebrosas,

Ouço o estribilho do Copta para o sol poente, que cai  
melancolicamente no seio escuro da mãe vasta e  
venerável do Nilo,

Ouço o trinado do arrieiro mexicano e os cincerros de sua  
mula,

Ouço o *muezin* árabe conclamar os fiéis do alto da mesquita,

Ouço os sacerdotes cristãos no altar de suas igrejas, ouço  
os sons cavos e agudos que respondem,

Ouço o grito dos *Cossacos*, e a voz do marujo que de  
Ocotsque parte para o mar,

Ouço o resfolegar sibilante do rebanho dos escravos em  
marcha, quando em rudes magotes desfilam aos  
dois e por três, algemados uns aos outros, por  
punhos e tornozelos,

Ouço o hebreu que lê suas crônicas e salmos,

Ouço os harmoniosos mitos dos Gregos, e as robustas lendas  
dos Romanos,

Ouço a história da vida divina e da morte sangrenta do  
formoso Cristo Deus,

Ouço o indú ensinar ao *discípulo* favorito os amores, guerras  
e preceitos dos poetas que escreviam há três mil  
anos transmitidos o são e salvo até os dias de hoje.

4

Que vês, Walt Whitman?

Quem são *aqueles* que saúdas e que um após outro te  
saúdam?

Vejo uma prodigiosa bola que rola através do espaço,

Vejo minúsculas cabanas, povoados, ruínas, cemitérios,  
prisões, usinas, palácios, barracas, acampamentos  
de *bárbaros*, tendas de nómades, esparsas na  
superfície,

Vejo a parte sombria de um lado onde dormem os que  
dormem, e do outro a iluminada pelo sol,  
Vejo as curiosas e rápidas mutações de luz e de sombra,  
Vejo países longínquos, tão reais e próximos para seus  
habitantes como é o meu para mim,  
Vejo abundantes águas,  
Vejo cimos de montanhas, vejo a cordilheira dos Andes,  
e onde elas se estendem,  
Vejo distintamente Himaláias, Tian Chan, Altaís, Gautes,  
Vejo os cumes gigantes de Elbruz, de Cosbeque, Bazardjusi,  
Vejo os Alpes Stirianos e os Alpes Cárnicos,  
Vejo os Pirineus, Balcans, Carpatos, e ao norte Dovrefields  
e ao largo do mar o monte Hecla,  
Vejo o Vesúvio e o Etna, os montes da Lua, e as Montanhas  
Vermelhas do Madagáscar,  
Vejo os desertos da Líbia, da Arábia e da Ásia,  
Vejo os imensos e tremendos icebergues do Ártico e do  
Antártico,

Vejo os oceanos superiores e os oceanos interiores,  
Atlântico e Pacífico, o golfo do México, o mar do  
Brasil, e o mar do Perú,  
As águas do Industão, o mar da China, e o golfo da Guiné,  
As águas do Japão, a linda baía de Nagasaqui cercada de  
montanhas,  
A extensão do Báltico, do Cáspio, do golfo de Bótnia, das  
costas britânicas e do golfo do Gasconha,  
O Mediterrâneo de sol claro e uma ou outra de suas ilhas,  
O mar Branco, e o mar que cerca a Groenlândia.  
Percebo os marinheiros do mundo,  
Muitos nas tempestades, muitos nas noites de vigia,  
Muitos desamparadamente levados pelas correntes, muitos  
com moléstias contagiosas.  
Distingo os veleiros e vapores do mundo, uns fundeados nos  
portos, outros em travessias,  
Há os que dobram o cabo das Tormentas, outros o Cabo  
Verde, outros Guardafui, Bon ou Bojador,



Outros a ponta de **Dondrá**, outros o estreito de Sonda, outros  
o cabo Lopatca e o estreito de **Behring**,

Outros dobram o cabo de **Horn**, outros navegam no golfo do  
México ou *costeam* Cuba ou Haiti, outros na baía  
de **Hudson** ou na de **Baffin**,

Outros *franqueam* o Passo do **Calais**, outros entram no golfo  
de Wash, outros no de **Solway**, outros contornam  
o cabo **Clear**, outros o **Finisterra**,

Outros atravessam o **Zuydersee** ou o **Escalda**,

Outros chegam ou partem de Gibraltar ou dos **Dardanelos**,

Outros seguem inflexivelmente sua rota através dos bancos  
do norte,

Outros descem ou sobem o **Obi** ou o **Lens**,

Outros o **Niger** ou o **Congo**, outros o **Indus**, o **Bramaputra**  
e **Cambodja**,

Outros prestes a partir esperam sob pressão nos portos da  
**Austrália**,

Esperam em **Liverpool**, **Glasgow**, **Dublin**, **Marselha**, **Lisboa**,  
**Nápoles**, **Hamburgo**, **Bremem**, **Bordéos**, **Havre**,  
**Copenhague**,

Esperam em **Valparaíso**, **Rio-de-Janeiro**, **Panamá**.

5

Vejo os trilhos dos caminhos de ferro do terra,  
Vejo-os na Grã **Bretanha**, vejo-os na Europa,  
Vejo-os em **Ásia** e **África**.

Vejo os telégrafos elétricos da terra,  
Vejo os fios por onde passam as novas das guerras, das  
mortes, das **perdas**, dos ganhos, das emoções de  
minha raça.

Vejo os longas listras dos rios do mundo,

Vejo o **Amazonas** e o **Paraguai**,

Vejo os quatro grandes rios da China, o **Amur**, o Amarelo,  
o **lang-Tse-Kiang** e o **Si-Kiang**,

Vejo onde fluem o Sena, onde o Danúbio, o Loire, o Reno  
e o Guadalquivir fluem,

Vejo os meandros do **Volga**, do Dniepper, do Oder,

Vejo o toscano descendo o Arno, e o **veneziano** seguindo  
o curso do Pó,

Vejo o marujo grego navegando além do golfo de Egina.

6

Vejo as regiões do antigo império da **Assíria**, da Pérsia e  
da **Índia**,

Vejo a queda do **Ganges** vencendo as **altas** margens de  
Sankara.

Vejo onde a ideia da Divindade encarnou-se pelos avatares  
em formas humanas,

Vejo os **lugares** onde se **sucederam** os sacerdotes sobre a  
terra, oráculos, sacrificadores, brâmanes, **sabianos**,  
lamas, monges, muftis, pregadores,

Vejo os **Druídas** passeando nos bosques de Mona, vejo o  
agárico e a verbena,

Vejo os templos mortuários dos corpos dos deuses, vejo os  
antigos símbolos,

Vejo Cristo comer o pão da última ceia em meio de jovens  
e velhos,

Vejo os lugares onde o jovem, forte e divino Hércules, por  
tanto tempo trabalhou e depois morreu,

Vejo o lugar da vida rica e inocente e da sorte infeliz do  
formoso filho noturno, Dionísios dos membros  
dilacerados,

Vejo **Knefe** florescente, vestida de azul, com coroa de  
plumas à cabeça,

Vejo o irrepreensível Hermes **moribundo**, amado de todos,  
dizendo ao povo:

Não me **lamenteis**,



Esta não é a minha verdadeira pátria, vivi **exilado** de minha  
verdadeira **pátria**, e agora a ela eu **retorno**,  
Retorno à **esfera celeste** para onde **cada** um do vós irá por  
**•ua vez**.

7

Vejo os campos de batalha da terra, neles a erva brota e as  
flores e os cereais,

Vejo as rotas das antigas e modernas expedições.

Vejo os monumentos sem nome, mensagens veneráveis dos  
fastos, **crônicas** e heróis desconhecidos da terra.

Vejo a região das **sagas**,

Vejo os pinheiros e abetos retorcidos pelas borrascas do  
norte,

Vejo blocos de granito e penhascos, e verdes campinas e  
lagos,

Vejo os dolmens funerários dos guerreiros escandinavos,

Vejo-os elevarem suas pedras às orlas do oceano agitado,  
para que os espíritos dos mortos, quando lhes  
pesar a quietude do túmulo, subam aos montes  
para contemplar as vagas agitadas e se saturem  
de tempestades, de imensidade, de liberdade, de  
movimento.

Vejo as estepes da Ásia,

Vejo os túmulos da Mongólia, as tendas dos Calmucos e  
basquires,

Vejo as **tribus** nômades com seus rebanhos de bois e vacas,

Vejo as planícies sulcadas de abismos, vejo as selvas e  
desertos,

Vejo o camelo, o cavalo **selvagem**, a betarda, o carneiro  
de grande cauda, o antílope, e o lobo que se oculta,

Vejo as terras altas da Abissínia,

Vejo os rebanhos de cabras que **pastam**, vejo os figueiras,  
**tamarindeiras** e **tâmaras**,

Vejo os campos de trevos e as planícies verdejantes e  
doiradas,

Vejo o vaqueiro do Brasil,

Vejo o boliviano subir o monte Sorata,

Vejo o gaúcho atravessar os pampas, vejo o incomparável  
cavaleiro reboleando o laço,

Vejo-o sobre os pampas a perseguir os animais selvagens  
para a conquista de suas peles.

8

Vejo as regiões da neve e do gelo,

Vejo o samoiedo de olhar penetrante, e o finês,

Vejo em seu batel o pescador de focas balançar a lança.

Vejo o Siberiano no leve trenó puxado por cães,

Vejo os caçadores de marsuínos, vejo as tripulações das  
baleeiras do Pacífico sul e do Atlântico norte,

Vejo as rochas, as geleiras, torrentes, vales da Suíça — e  
observo os longos invernos e as solidões.

9

Vejo as grandes cidades da terra e me torno cidadão ora de  
uma, ora de outra,

Sou um verdadeiro parisiense,

Habito Viena, São Petersburgo, Berlim, Constantinopla,

Sou de Adelaide, Monchester, Bristol, Edimburgo, Limerique,

Sou de Madrid, Cádiz, Barcelona, Porto, Leão, Bruxelas,  
Berna, Francfort, Stutgard, Turim, Florença,

Sinto-me bem em Moscou, Cracóvia, Varsóvia, ou no norte,  
em Cristiania, ou Estocolmo, ou em Ircutsque, na  
Sibéria, ou em qualquer rua da Islândia,

Desço em todas estas cidades, e delas renasço outra vez. '



Vejo vapores exalarem-se de países inexplorados,  
 Vejo selvagens, arcos e flexas, azagaias envenenadas,  
     fetiches, e os obis.  
 Vejo cidades africanas e asiáticas,  
 Vejo Algéria, Tripoli, Derna, Mogador, Tomboctu, Monróviu,  
 Vejo o formigar de Pequim, Cantão, Benares, Delhi,  
     Calcutá, Tóquio,  
 Vejo turcos fumando ópio em Alepo,  
 Vejo os multidões pitorescas das feiras de Kiva e as de  
     Herate,  
 Vejo Teeran, vejo Mascate e Medina e a areia que as separa,  
     a o caminhar lento das caravanas,  
 Vejo o Egito e os egípcios, vejo as pirâmides e os obeliscos,  
 Distingo as histórias inscritas a cinzel, os anais dos reis  
     conquistadores e das dinastias, gravadas em  
     tabuinhas de louca ou em blocos de granito,

Vejo a Mênfis das necrópoles subterrâneas que encerram  
     múmias embalsamadas, enfaixados sudários que  
     ali repousam há tantos séculos,  
 Contemplo o Tebano caído, seus grandes olhos redondos,  
     cabeça pendente para o lodo, mãos cruzadas sobre  
     o peito.

Vejo o trabalho de todos os párias da terra,  
 Vejo todos os prisioneiros em suas prisões, '  
 Vejo os defeituosos corpos humanos da terra,  
 Os cegos, os *surdos-mudos*, os cretinos, os corcundas, os  
     loucos,  
 Os piratas, ladrões, traidores, assassinos, negreiros da terra.  
 Os menores abandonados, velhas e velhos abandonados.

Vejo em *tôda* a parte homens e mulheres,  
 Vejo a serena fraternidade dos filósofos,  
 Vejo as faculdades construtivas da minha raça,

Vejo os resultados da perseverança e a indústria de minha  
raça,  
Vejo as castas e as côres, a barbárie e a civilização, sigo  
por entre êles, e neles me misturo indistintamente,  
E a todos os habitantes da terra, saúdo.

## n

Quem quer que sejas,  
filho ou filha da Inglaterra!  
Vós, rodes populações do império slavo! Vós, russos da Rússia!  
Tu africano de obscura ascendência, pele negra, alma divina,  
grande, de formosa cabeça, de formas nobres, de  
soberbo destino, em igualdade comigo!  
Tu, norueguês! sueco! dinamarquês! islandês! Tu, prussiano!  
Tu, espanhol de Espanha! Tu, português!  
Vós, franceses e francesas de França!

Tu, Belga! Tu dos Países Baixos, apaixonado da liberdade,  
de cuja raça eu nasci,

Tu, austríaco sólido! Tu, lombardo! Huno! Boémio!

### Camponês da Estíria!

Tu, ribeirinho do Danúbio!

Tu, obreiro do Reno, do Elba ou do Weser! Vós, também,  
obreiros!

Tu, sardo! Tu, bávaro! Suabo! Saxão! Valaco! Búlgaro!

Tu, romano! Napolitano! Tu, grego!

Tu, ágil matador dos picadeiros de Sevilha!

Tu, montanhês que vives sem leis no Tauro e no Cáucaso!

Tu, búcaro, pastor de cavalos, que guardas e apascentas  
jumentos!

Tu, persa de corpo admirável que, na sela, à toda velocidade,  
acertas tuas flexas no alvo!

Vós, chineses e chinesas da China! Tu, tártaro da Tartária!

Vós, mulheres da terra sujeitas aos vossos trabalhos!

Tu, judeu que jornadas em tua velhice, através de todos  
os perigos para gozar um dia o sol da Palestina!



Vós, judeus de todos os países, que esperais o Messias!

Tu, **armênio** sonhador que meditas à margem de algum braço do Eufrates! Tu que interrogas a olhar as ruínas de Nínive! Tu que sobes o monte Ararate!

Tu, peregrino de pés cansados que saúdas os minaretes da cintilante Meca na lonjura!

Vós, cheiques **que**, na extensão de Suez a **Bab-el-Mandeb**, **governais** vossas famílias e tribos!

Tu, que cultivas oliveiras e recolhes os frutos nas campinas de Nazaré, de Damasco ou do lago **Tiberíades!**

Tu, traficante tibetano que percorres o vasto interior ou negocias nas lojas de Lassa!

Tu, japonês ou japonesa! Tu que vives em Madagáscar, Ceilão, Sumatra, Borneo!

Vós todos da Ásia, África, Europa, Austrália, pouco importa o lugar!

Vós todos das ilhas inúmeras dos **arquipélagos** do mar!

E vós dos séculos vindouros, quando me escutareis!

E vós, cada um de vós, em todos os lugares, que **não** cito sequer, mas a todos incluo!

Saúdo a **todos!** Amizade para todos vós, de minha parte e da parte da América!

Cada um de nós é inevitável,

Cada um de nós é ilimitado — cada um de nós tem seus direitos de homem ou mulher sobre a terra,

Cada um de nós participa dos eternos desígnios da **terra**,

Cada um de nós está **aquí** por um direito tão divino como o de qualquer outro.

12

Tu, Hotentote que estalas a língua! Vós, hordas de cabelos **encarapinhados!**

Vós, servos de um senhor, que derramais gotas de suor ou gotas de sangue!

Vós, figuras humanas de insondáveis e eternos semblantes de brutos!

Tu, pobre *Kobú* que os mais sórdidos olham com piedade  
a tua linguagem e teu espírito vacilante!

Vós, anões de *Camantchatca*, da Groenlândia, da Lopónia!

Tu, negro australiano, nu, vermelho, *barbudo*, de lábios  
carnudos, que buscas, *arrastando-te*, o alimento!

Vós, cafre, berbere, sudanês!

Tu, *Beduíno terrível*, estranho, ignorante!

Vós, enxames de empestados de *Madrasta*, *Nanquim*, *Kabul*,  
do Cairo!

Tu, obscuro errante do Amazonas! Tu, *patagão!* Tu,  
*indígena* das Fiji!

Não prefiro outros mais do que a vós,

Eu não pronuncio uma única palavra contra vós, por atrazodos  
que sejas,

(Na hora devida avançareis ao meu lado).

Meu espírito percorreu compassivo e resolutivo ao redor  
de toda a terra,

Procurei os iguais e os amigos e os encontrei preparados em  
todas as regiões,

Creio que alguma divina concordância a eles me iguala.

Vapores dos mores, convosco zarpei em busca dos continentes  
*longínquos*, e neles ancorei por justos motivos,

Ventos, creio que soprei convosco;

Águas, convosco acariciei com o dedo todas as margens,

Atravessei o que todo rio ou estreito do mundo atravessou,

Coloquei-me nas bases das penínsulas e nos altos cumes  
encastelados, para de lá clamar:

— **Salve, ó mundo!**

Em toda cidade em que a luz ou o calor penetram, eu também  
penetro,



Para tôda ilha para onde voam os pássaros, eu vôo também.

Para vós todos, em nome de América,  
Ergo perpendicularmente a mão, para o gesto  
que deve permanecer após mim para todo o sempre,  
para todos os retiros e moradias dos homens.

\* \* \*

HA MUITO, HÁ MUITO TEMPO, AMERICA...

Há muito, há muito tempo, América,

Percorrendo os caminhos inteiramente unidos e aprazíveis,  
tu somente conheceste a lição da alegria e da  
prosperidade,



Mas, hoje, deves aprender a lição das crises de angústia,  
marchando para a frente, lutando contra o mais  
terrível destino sem recuar.

Hoje te cabe mostrar ao mundo o que realmente são teus  
filhos em **masse**,

(Pois, com excepção de mim, quem concebeu o que  
realmente **êles** são **en masse?**).

TRANSBORDANTE DE VIDA...

Agora, transbordante de vida, densa e visível,

No ano quarenta e um de minha existência, no ano oitenta  
e três dos Estados,

A alguém que viverá dentro de um século, em qualquer  
número de séculos,



## CANTO DA ESTRADA REAL

A vós, que ainda não haveis nascido, dedico estes cantos  
esforçando-me por alcançar-vos.

Quando os lerdos, eu que sou agora visível hei-de me ter  
tornado invisível;

Então sereis vós, denso e visível, quem lerá os meus poemas,  
quem se esforçará por compreendê-los,

Imaginando-vos quão felizes seríeis se me fôra dado estar  
ao vosso lado e converter-me em vosso camarada;

Que seja pois, como se eu estivesse. (Não duvideis  
demasiadamente que não esteja então ao vosso lado) .

A pé, alegre, sigo pela estrada real,  
Saudável e livre, o mundo diante de mim,  
O amplo caminho da terra morena à minha frente me conduz  
aonde me agrada.  
Daqui por diante não interrogarei o destino, eu mesmo serei  
o destino,



Daqui por diante, **não** lamentarei mais, **não** adiarei mais,  
de nada mais **necessitarei**,  
Darei um fim às queixas de **quartos** cerrados, de bibliotecas  
de críticas plangentes,  
Forte e contente sigo pela estrada real.

A terra, e isto basta,

Não desejo que as constelações estivessem mais **próximas**,

Sei que elas estão muito bem onde estão,

Sei que elas bastam àqueles que lhes pertencem.

(Até **aquí** trago minha antiga e venturosa carga,

Levo-os, homens e mulheres, levo-os comigo onde quer que  
eu vá

Juro que me é impossível deles me desfazer,

Eu deles me impregnei, e em troca quero impregná-los.)

Tu, caminho por onde me embrenho e volto meus olhos,  
não creio que sejas o único que existe por **aquí**,

Creio que ainda existem muitas cousas invisíveis.

Eis a lição profunda da aceitação, sem preferências **nem**  
repulsas,

Os negros de cabelos crespos, os criminosos, os **doentes**, os  
incultos não são repelidos;

O parto, a busca apressada do médico, o mendigo que  
**caminha**. o bêbado que claudica, o grupo de  
obreiros com suas gargalhadas,

O **adolescente** que escapa, a carruagem do ricaço, o elegante,  
o casal em **fuga**,

O homem madrugador dos mercados, o carro fúnebre, as  
mudanças na cidade, o retorno para a cidade,

**Êles** passam, eu **também** passo, tudo passa, a ninguém é  
proibido,

Todos são aceitos, todos me são simpáticos.

Tu, ar que me dás o alento para falar!

Vós, **objetos** que do disperso tirais meus **designios** e lhes dais  
forma!

Tu, luz que me envolves, e a todas as cousas com as tuas  
delicadas e igualitárias **ondas**,

Vós, veredas gastas escavadas pelos passos irregulares,  
à margem dos caminhos!

Creio que guardais o segredo de invisíveis existências,

Vós me sois tão **queridas!**

Vós, avenidas ladrilhadas das cidades! Vós, sólidas orlas de  
aço das esquinas!

Vós, barcos! Vós, **planchas** e estacas dos cais! Vós, urnas  
guarnecidas de madeira! Vós, navios, ao longe!

Vós, fileiras de casas! Vós, fachadas cravadas de janelas!

Vós, tetos!

Vós, pórticos e portas! Vós cumieiras e grades de ferro!

Vós, janelas **cujos** vidros transparentes deixariam ver tantas  
cousas!

Vós, pedras cinzentas dos intermináveis pavimentos! Vós  
pisoteadas encruzilhadas!

De quantos vos tenham tocado creio que algo conservastes  
em vós, e agora quereis me participar em segredo,

Com vivos e com mortos **povoastes** vossa **impassível** superfície  
e os seus **espíritos** quereiam me testemunhar sua  
presença e amizade

À direita e à esquerda, se estende a terra

O quadro é vivo, cada uma de suas partes mostra-se à luz  
mais clara,

**Docilmente** a música ressoa **alí** onde a pedimos, e cala-se  
onde não a pedimos mais,

Alegre é a voz do **caminho**, suave e alegre o sentimento **dos**  
caminhos.



Ó grande caminho que eu percorro, tu me dizes: **Não me deixes?**

Dizes: **Mão te inquietes — se me deixares estarás perdido?**

Dizes: **Já estou pronto, — sinto-me calcado por todos e ninguém me responde: junta-te a mim?**

Ó caminho público, eu te respondo: não tenho medo de te abandonar, e contudo eu te quero bem,

Melhor me expressas do que por mim posso expressar,

Serás para mim mais que um poema.

Creio que todas as ações heróicas foram concebidas em pleno ar, e também todos os poemas livres,

Creio que poderia me deter aqui e eu mesmo realizar milagres,

Creio que amarei tudo quanto encontrar no caminho, e seja quem for que me olhe me amará,

Creio que quantos vejo devem ser felizes.

A partir desta hora ordeno a mim mesmo liberta-te dos limites e das linhas imaginárias,

Irei onde eu quiser, senhor total e absoluto de mim mesmo,

Escutarei os outros, examinarei atentamente o que dizem,

**Deter-me-ei**, aceitarei, meditarei,

E mansamente, mas com vontade indomável, hei-de me **esquivar** aos compromissos que me queiram aprisionar.

Aspiro grandes golfadas de espaço,

O este e oeste me pertencem, o norte e sul me pertencem

Sou maior e melhor do que eu pensava,

Eu não sabia que em mim continha tantas cousas boas.

Tudo me parece admirável.

Posso sem cessar repetir aos homens e mulheres: Vós me **fizestes tanto** bem que desejaria outro tanto devolver-vos,

Quero ao largo dos caminhos absorver forças novas para mim  
e para vós,  
Eu me dispersarei entre os homens e as mulheres do meu  
caminho,  
Espargirei uma alegria e uma rudez novas entre êles,  
Se alguém me repelir, não me perturbarei,  
Quem me aceitar, êle ou ela, por mim será bendito e me  
abençoará.

6

Se agora me apresentarem um milhar de homens perfeitos,  
não me surpreenderão,  
Se agora me apresentarem um milhar de mulheres de corpo  
admirável não me assombrarão.

Agora vejo o segredo da formação dos indivíduos superiores,  
E' desenvolver-se em pleno ar, comer e dormir em companhia  
da terra.

Há lugar aqui para o desabrochar de uma grande  
personalidade,

E este desabrochar se apodera do coração de tôda a raça  
dos homens,

A força e a vontade que difundem submergem as leis,  
repelem as autoridades, os argumentos coligados  
contra ela.

Aquí se põe em prova a sabedoria,

A sabedoria não se põe à prova nas escolas,

A sabedoria não pode ser transmitida por quem a possui  
para quem a não possui,

A sabedoria pertence à alma, não é susceptível de prova,  
ela própria é sua prova,

Aplica-se a todos os graus e objetos e qualidades, e  
permanece satisfeita,

E' a certeza da realidade e imortalidade das cousas, da  
excelência das cousas;

Algo há no espectáculo móvel das cousas que a faz jorrar  
da alma,



Agora analiso as filosofias e religiões:

Podem parecer boas nas salas de conferências, e no entanto,  
nada significarem sob as densas nuvens, ante a  
paisagem e as águas correntes.

Aquí é onde se realizam,

Aquí é onde o homem sente suas concordâncias, — aquí  
êle realiza o que existe nêle,

O passado, o futuro, majestade, amor — se isto soar vazio  
para vós. é que disso estais vazio.

Só a amêndoa oculta de cada cousa alimenta;

Onde está aquele que arrancará a casca para vós e para  
mim?

Onde está aquele que desenvolverá os estratagemas e  
desfará as envolturas para vós e para mim?

Aquí é onde se manifestam as afeições, elas não são  
preparadas de antemão; sobrevêm imprevistas.

Sabeis o que é ser amado por desconhecidos quando passais?

Conheceis a eloquência das pupilas que se volvem para vós?

Aquí está o fluxo da alma,

O fluxo da alma que emana do íntimo, através dos portais  
sombrios, provocando incessantes perguntas,  
Por que estes Ímpetos, por que? Por que estes pensamentos  
nas trevas, por que?

Por que existem homens e mulheres que, quando se  
aproximam de mim, os raios de sol dilatam meu  
sangue?

Por que, quando me abandonam, minhas chamas de alegria  
declinam brandas e frouxas?

Por que há árvores sob as quais nunca passeio sem que  
amplos e melodiosos pensamentos desçam sobre  
mim?

(Creio que êles permanecem suspensos dessas árvores tanto  
no inverno como no verão, e sempre deixam cair  
seus frutos quando eu passo);

O que troco tão subitamente com os desconhecidos?

Com **êste** cocheiro, quando viajo na sege ao seu lado?  
Com **êste** pescador que atira o anzol ou a rede ao rio, e  
quando passo ao lado **dêle** e me detenho?  
O que me leva a sentir-me acessível à **simpatia** de um homem  
ou de uma mulher?  
E o que os torna **acessível** à minha?

8

O fluxo da alma é felicidade, eis a **felicidade**,  
Creio que enche o cr, em perpétua espera,  
Agora corre cm nós, eis-nos extravasando dela.  
Aqui surge o império fluído da simpatia,  
O fluído **caráter** da simpatia que gera a franqueza e a  
suavidade do homem e da mulher,  
(As ervas da manhã não **brotam** cada dia mais mansas e  
mais suaves do fundo de suas raízes como ela  
brota mansa e **suave** continuamente do fundo de  
si mesma)

Para ela, o fluído da simpatia transpira de amor jovens e  
**velhos**,  
Filtra **gôta** a **gôta** o encanto que ri da beleza e dos talentos,  
Para ela se eleva o desejo trémulo e doloroso do contato.

9

Vamos! Quem quer que sejas, vem comigo!  
Ao meu lado encontrarás o que jamais fatiga.  
  
A terra jamais fatiga,  
A terra é **rude**, taciturna, incompreensível ao primeiro olhar,  
A natureza é rude e incompreensível ao primeiro olhar,  
Não te desencorages, continua, as cousas divinas **sempre**  
permanecem cuidadosamente ocultas,  
Eu te juro que há cousas divinas ocultas que são mais belas  
do que podem dizer as palavras.



Vamos! Não convém parar aqui,

Por mais gratas que sejam as reservas aqui acumuladas,  
por mais alegre que seja esta paragem, não  
podemor parar aqui;

Por abrigado que seja este porto e calmas estas águas, não  
lancemos âncora aqui,

Por acolhedora que seja a hospitalidade que nos cerca, não  
devemos saboreá-la senão por curto instante.

IO

Vamos! carecemos de maiores estimulantes,

Navegamos por mares desconhecidos e selvagens,

Iremos onde sopram os ventos, onde as vagas se quebram  
furiosamente, onde o veleiro "yankee" singra com  
todas as velas soltas.

Vamos! Com potência e com liberdade, com a terra e com  
os elementos,

Com saúde, altiver. alegria, orgulho, curiosidade;

Vamos! Além de todas as fórmulas!

Além de vossas fórmulas, clérigos materialistas de olhos de  
morcego.

O cadáver putrefato obstrue a passagem.

Não esperemos mais para sepultá-lo.

Vamos! Mas antes me ouvi!

O que segue comigo necessita do melhor sangue, músculos  
e dureza.

Ninguém ouse acompanhar-me se não tiver coragem e saúde.

Não se arrisquem os que tiverem gasto o melhor de si mesmos,

Só podem vir os que se apresentem com corpo puro e resolutos,

Os doentes, os alcoolatras, os apodrecidos não serão dos  
nossos.

(Nem eu nem os meus convencemos à custa de argumentos,  
comparações nem estrofes rimadas,

Convencemos com a nossa presença).

Escutai! Quero ser sincero convosco,

Não vos ofereço os fáceis prémios do passado, rudes e novos  
são os prémios que vos ofereço,

Assim serão os dias que vos caberão em partilha:

Não acumulareis o que chamais riqueza,

Distribuireis com mão pródiga tudo quanto ganhades com  
vosso trabalho ou vossos méritos,

Apenas chegados à cidade que vos foi destinada, apenas  
instalados, um ímpeto irresistível há-de vos forçar  
a deixá-la,

Então, recebereis os sorrisos irónicos e as zombarias dos  
sedentários e dos que ficam atrás de vós,

Se receberdes alguns sinais de afeição respondereis com  
apaixonados adeuses,

Não permitireis que vos retenham, embora vos abram e  
estendam os braços com amor!

Vamos! Sigamos os grandes companheiros, para que nos  
tornemos um deles!

Também eles seguem o caminho,

São os mais esbeltos e majestosos homens; as mais formosas  
mulheres,

Amam os mares tranquilos como os mares tempestuosos,

Navegaram em muitos navios, caminharam muitas léguas de  
terra firme,

Conheceram países longínquos, conheceram longínquos  
lugares,

Confiaram nos homens e mulheres, observaram cidades,  
laboriosos solitários,

Detiveram-se a contemplar as ervas silvestres, as flores e as  
conchas das praias,

Dansaram nas núpcias, abraçaram a desposada, acariciaram  
ternamente as crianças, trouxeram-nas ao colo,

Soldados das revoltas, contempladores dos túmulos recém-  
abertos, ajudaram a descer os ataúdes,



Jornadearam de estação em estação, anos consecutivos,  
curiosos anos, cada um emergindo do que o  
precedeu,  
Caminheiros como seus camaradas, nas diversas fases sem  
nome de si mesmos,  
Andando desde a primeira idade latente, e inconsciente,  
Caminheiros alegres com a própria juventude, caminheiros  
com a própria virilidade barbuda e impertérrita,  
Caminheiros com sua feminilidade ampla, insuperada e  
feliz,  
Caminheiros com sua velhice sublime de homem ou de  
mulher,  
Velhice calma, dilatada, ampla com a altiva majestade do  
universo,  
Velhice que avança livremente como aliviada pela deliciosa  
liberdade próxima da morte.

Vamos! Para o que não tem fim nem teve princípio,  
Para sofrer o indizível, na lassidão dos dias, no repouso das  
noites,  
Para fundi-los todos numa viagem à qual tendem os dias  
e à qual as noites tendem,  
Para fundi-los ainda na partida para as maiores viagens,  
Nada verás em porte alguma que não possas atingir e  
ultrapassar,  
Não conceberás qualquer tempo, por afastado que seja, que  
não possas atingir e ultrapassar,  
Não levantarás nem baixarás teus olhos sobre qualquer  
caminho que não se estenda e te espere,  
Não verás qualquer existência, seja a de Deus ou de  
qualquer outro, que não possas realizar,  
Nãc verás qualquer posse que não te caiba possuir, gôzo de  
tudo sem trabalho nem compra, desviando de teu  
proveito u festa sem contudo de ti te desviar uma  
parcela,

Escolherás o melhor da granja do camponês e da elegante  
mansão do rico, das castas alegrias dos desposados,  
dos frutos dos vergéis, das flores dos jardins,

Levarás contigo as multidões das cidades densas que  
atravessares,

Mais tarde levarás contigo os edifícios e as ruas para tóda  
a parte onde fores,

Colherás os espíritos dos homens em cujo cérebro quando  
cresceres, colherás a afeição de seus corações,

Levarás teus amigos ao longo dos caminhos, embora os deixes  
atrás,

Considerarás o próprio universo como um caminho, como  
muitos caminhos, como caminhos para as almas  
migradoras.

A origem de tudo parte da viagem das almas,

Todas as religiões, todas as cousas sólidas, artes, governos,

Tudo quanto é ou foi aparente sobre este globo ou em  
qualquer outro globo,

Oculto-se em esconderijos e recantos, ante a procissão das  
almas sobre os grandes caminhos do universo.

Da viagem das almas, homens e mulheres, sobre os grandes  
caminhos do universo, todos os outros são  
emblemas e alimentos necessários.

Alerta sempre! Sempre para a frente!

Graves, solenes, entristecidos, melancólicos, escarnecidos,  
loucos, turbulentos, débeis, descontentes,

Desesperados, altivos, amorosos, enfermos, aceitos pelos  
homens e rejeitados pelos homens,

Eles vão. Vão! Sei que eles vão, mas ignoro para onde vão!

Sei, porém, que vão para o melhor,

Para algo de grande.

Quem quer que sejas, para a frente!

Homem ou mulher, para a frente!

Não deves permanecer a dormir e a vegetar em casa, embora  
a tenhas construído, ou a tenham construído  
para ti.



Sai dos negros limites! Sai de entre as cortinas!  
E' inútil que protestes, sei de tudo, e o denuncio.

Olha dentro de ti, que *não* vales mais que os *outros*,  
Através dos risos, dansas, jantares, ceias coletivas,  
Sob os costumes e ornamentos, sob essas faces lavadas e  
besuntadas,  
Olha o secreto desgosto e o desespero silencioso.

Nem o marido nem a mulher ou o amigo, a ninguém nos  
fiemos para ouvir a confissão,  
E' um outro eu, um duplo de cada um, que, a passos furtivos,  
oculta e dissimula seu verdadeiro ser,  
Amorfo e sem voz pelas ruas das cidades, polido e elegante  
nos salões,  
Nos *vagões* da estrada de ferro, nos navios, nas *assembléias*  
públicas,  
Nas moradias dos *homens* e das mulheres, à mesa, no quarto,  
em *tõda* a parte,

Elegantes rostos sorridentes, talhe erguido, a morte no peito,  
o inferno no cérebro,

Sob as blusas finas e as luvas, sob os cintos e as flores  
artificiais.

Respeitosos dos costumes, nada *fazem* de si *mesmos*,  
Falando de qualquer cousa, mas *jamaiz* de si mesmos.

## M

Vamos! Através de lutas e de guerras!  
A meta que foi assinalada não poderemos abandonar.

Foram felizes as lutas do passado?  
O que é que surtiu bom efeito? Tu mesmo? Tua nação?  
A Natureza?

Escuta: foi estipulado na essência das cousas que de todo  
*sucesso* recolhido, pouco importa qual seja, deve  
sair algo que torne necessário um maior esforço.

Meu apelo é o apelo da batalha, eu alimento a **rebelião** ativo,  
Aquele que vem comigo deve vir bem armado,  
Aquele que vem comigo terá por companheiros a fome, a  
miséria, inimigos furiosos, e o **desamparo**.

15

Vamos! O caminho está aberto à nossa frente!  
Ele é seguro — eu já o experimentei — meus pés já o  
provaram cuidadosamente: que nada te **retenha!**  
Que as folhas fiquem abertas sobre a escrivaninha, e o livro  
sem abrir em seu armário!  
Que os instrumentos permaneçam nas oficinas! Que o  
dinheiro permaneça sem ser ganho!  
Que repouse a **escola!** Não importa os brados dos mestres!  
Que o pregador pregue em sua **cátedra!** Que arrazoe o  
advogado no **tribunal**, e o juiz exponha a lei.

**Camarada**, dá-me tua mão!

Eu te dou meu afecto mais precioso que o dinheiro,  
Eu te dou a mim mesmo em vez de prédicas e de leis.

Queres dar-te a mim? Queres seguir comigo?

Seguiremos juntos, um ao lado do outro, enquanto durarem  
nossas vidas!



NESTA SÉRIE

*Volumes publicados:*

- 1) "NARCISO" — Guilherme de Almeida
- 2) "SAUDAÇÃO AO MUNDO" — Walt Whitman
- 3) "O CONVIVA DA MADRUGADA" — Villiers de l'Isle Adam
- 4) "ADOLPHE" — Benjamin Constant

*A seguir:*

- "HERMAN E DOROTÉIA" — Goethe  
"DR. COPPELIUS" — Hoffmann  
"ATILA" — Paul de Saint-Victor  
"AS DUAS DONZELAS" — Cervantes  
"O LIVRO DA SABEDORIA E DO CAMINHO" — Lau-Tseu  
"ASSIM DEUS FALOU AOS HOMENS" — Maddih Fezzon  
"CARTAS" — Mme. de Sévigné

Este livro foi composto e impresso  
nas oficinas gráficas de Brusco & Cia.,  
Rua Luiz Gama, 813 - São Paulo.

Outubro — 1944